

*PALAVRA ABERTA***Crônica: Enterrado vivo****Wilson Rodrigues da Silva¹²⁹**

*“Na mais medonha das trevas
Acabei de despertar
Soterrado sob um túmulo.
De nada chego a lembrar
Sinto meu corpo pesar
Como se fosse de chumbo.
Não posso me levantar
Debalde tentei clamar
Aos habitantes no mundo.
Tenho um minuto de vida
Em breve estará perdida
Quando eu quiser respirar.”
(Vinícius de Moraes).*

Sentado na calçada à espera da minha condução observo os transeuntes, estes por suas atividades cotidianas não atentam para o que estão a sua volta. Em um súbito despertar das trevas vejo soterrado em um túmulo diante da sociedade, aquele que passa descalço, roupas que outrora fora bem cuidadas, semblante vago com um olhar para o infinito sem esperanças de alcançar uma realidade que o circunda. Esse ser é levado pela sua agonia diária que trepida a sua carruagem de caixas desmontadas e sucatas ladeira a baixo, no instante em que o dedão do pé raspa com ódio o asfalto, deixando sua marca de mártir.

De nada chego lembrar ao avistar um ser invisível, disputando uma faixa da via com automóveis ofegantes e apressados para chegarem em seus destinos confortáveis. O barulho, a agitação e o cair da noite silencia-o por completo. Desatento ao meu universo mergulho no submundo para ver de perto os ocultos da cidade, os quais não sei o motivo que os levaram a se submeterem como escória da sociedade.

¹²⁹ Estudante de licenciatura em física do IFSP Itapetininga. E-mail: wilson.silva@usp.br.

Sinto meu corpo pesar ao procurar compreendê-los, no instante que observo um pouco mais sua expressão corporal, como chumbo declina-o para a condição de submissão, sua visão não alcança o horizonte enxergando apenas poucos metros à sua frente. Seus dedos com crostas condicionadas à uma camada de proteção para revirar sacos de lixo. Unhas como garras para sua defesa e disputar alimentos e cantos dos comércios, como cães que perambulam pela cidade repousam seus esqueletos corcundos pelo peso da miséria.

Não consigo me levantar estou travado, o tempo parou e diante de mim o invisível me olhando aclamando, pedindo com seu silêncio uma palavra para a sociedade. Aqui estou emergindo sem folego aclamando que me vêm, mesmo que por uma vitrine, a qual tem a função de segregar a sociedade!. Seu grito estalou em meus ouvidos, sua dor passou pelos meus sentidos, seu olhar se cruzou com o meu nas trevas, sua respiração de fuligem, sufocou-me, asfixiou-me...

Procurei ar puro não encontrei, não consigo respirar, quando eu quiser respirar o ar da sociedade, indubitavelmente estarei em minha realidade, na qual observo os transeuntes que vão e vem no compasso do relógio, o som da cidade passa por mim, as luzes dos comércios chegam aos meus olhos. Deixo se perder no infinito da minha visão esse pobre ser sepultado, vive apenas no minuto que o observamos.